A DIFUSÃO DA INFORMAÇÃO, HIPERCONNECTIVIDADE E POSSÍVEIS IMPLICAÇÕES À SAÚDE MENTAL

Paulo André dos Santos¹, Luciana Dias Silva², José Carlos Sales Santos³

¹ LAPCI / UFBA, pandryx@protonmail.com

² PPGCI / UFBA, lucianadias.ufba@gmail.com

³ PPGCI / UFBA, postalsalles@gmail.com

O presente artigo discorre sobre os possíveis impactos da difusão da informação na saúde mental dos usuários de dispositivos móveis conectados à Internet. Conforme apontam pesquisas científicas, a quantidade média de horas que as pessoas passam conectadas à Internet tem aumentado ao longo dos últimos anos, sobretudo, a partir do advento das redes sociais. Em algumas pesquisas no Brasil, as horas que uma pessoa passa na Internet podem ser equivalentes ou mesmo superiores às horas de sono, em média. Ao levar em consideração esse contexto, o objetivo deste trabalho é analisar a relação entre a difusão da informação na Internet, o seu acesso através de dispositivos móveis e possíveis influências no surgimento de patologias relacionadas à saúde mental. A metodologia definida consiste em uma pesquisa documental, visando a obtenção e análise da base de dados das pesquisas mais recentes realizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) sobre acesso à Internet, a quantidade média de horas de sono e a saúde mental. O entrelaçamento entre dados obtidos e consequente inferência contará com a contribuição teórica de Bauman (2007), sobre a abordagem da conectividade entre as pessoas (ou, da necessidade de permanecer conectado). Sobre o viés informacional, mais especificamente, o trabalho recorre ao trabalho de Le Coadic (1996), em sua abordagem sobre a difusão da informação.

Palavras-chave: difusão da informação, acesso à Internet, horas de sono, saúde mental.

This article disagrees about the possible impacts of information dissemination on the mental health of users of mobile devices connected to the Internet. As scientific research points out, the average number of hours that people spend connected to the Internet has increased over the last few years, especially since the advent of social networks. In some studies in Brazil, the hours a person spends on the Internet may be equivalent to or even greater than the hours they sleep, on average. Taking this context into account, the objective of this work is to analyze the relationship between the dissemination of information on the Internet, its access through mobile devices and possible influences on the emergence of pathologies related to mental health. The defined methodology consists of documentary research, including obtaining and analyzing the database of the most recent research carried out by the Brazilian Institute of Geography and Statistics (IBGE) on Internet access, the average number of hours of sleep and mental health. The intertwining between data obtained and the consequent inference will rely on the theoretical contribution of Bauman (2007), on the approach to connectivity between people (or, the need to remain connected). Regarding the informational vision, more specifically, the work uses the work of Le Coadic (1996), in his approach to the dissemination of information.

Keywords: dissemination of information, Internet access, hours of sleep, mental health.

INTRODUÇÃO

Nos dias atuais, apesar de ainda existirem milhões de brasileiros sem acesso à Internet no país, pode-se dizer, que, de maneira análoga com os indicadores de educação, que a taxa de crescimento do acesso à rede mundial de computadores com o decorrer dos anos, refletiu um

grande êxito. O Brasil possui atualmente uma das populações mais conectadas do mundo. Tanto em número de usuários quanto na quantidade de horas que em média se passa navegando.

Nesse sentido, o presente estudo buscou analisar as relações estabelecidas entre a difusão da informação e a hiperconectividade, associadas ao desenvolvimento de patologias que acometem a saúde mental.

Também, foram utilizados dados referentes à pesquisas realizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), assim como outras publicações no que diz respeito à saúde mental e ao acesso à Internet, como artigos científicos, livros etc.

A partir da análise das informações se pode verificar a existência de ligações entre os referentes elementos de abordagem temática referidos ao longo da discussão. Da mesma forma, salienta-se que devido à proporção da população que faz uso excessivo dos serviços de Internet ao longo do dia, o desenvolvimento de novas pesquisas revela-se de grande relevância. Sobretudo, por que exerce um impacto considerável na saúde pública e a Internet é um componente cada vez mais hegemônico no cotidiano das pessoas.

INFORMAÇÃO E DIFUSÃO

Para fins didáticos, antes de desenvolver conceitualmente a categoria da Difusão da Informação, no contexto da Ciência da Informação, infere-se que seja importante, em primeiro plano, buscar na etimologia uma referência conceitual, ainda que não corresponda precisamente ao conceito trabalhado.

Nessa direção, conforme o dicionário on-line Dicio (dicio.com.br), a palavra “difusão” tem sua origem no latim “diffusio”, que significa “espalhar”, “difundir”, “derramar” etc. Além disso, o referido dicionário traz outras referências específicas do conceito de difusão em outras áreas de conhecimento, a saber: a Biologia, a Linguística, a Química e a Física.

Ou seja, antes mesmo de ser incorporada pela Ciência da Informação, já era explorado teoricamente, o que faz presumir que esse conceito possa ter sido trazido de um campo do saber mais antigo para ilustrar o fluxo da informação, das mais variadas formas, no âmbito da sociedade.

Aliás, a própria Ciência da Informação nasceu com um escopo mais reduzido, restringindo-se, de acordo com Le Coadic (1996, p.2), “...a informação fornecida pelas bibliotecas, fossem elas públicas, universitárias, especializadas ou centros de documentação...”. Com o passar do tempo, a sua abordagem científica ganhou outros contornos, atendendo às “....necessidades crescentes de informação...” (id., p.2).

Já a palavra “informação”, de acordo com o dicionário citado, deriva do latim “informatio”, que se reporta à “reunião dos conhecimentos, dos dados sobre um assunto ou pessoa”. Como reportado pela autora (ibid., p.5), “A informação é um conhecimento inscrito (gravado) sob a forma escrita (impressa ou numérica), oral ou audiovisual”. O importante é ressaltar que esse conceito se expandiu ao longo do tempo, para abraçar outras perspectivas que emergiram na sociedade, pois,

[...] as mudanças não se deram apenas em volume. As tecnologias da informação e redes de computadores deixaram de estar restritas aos ambientes militar e governamental e invadiram escolas, empresas, comércio, lazer e a vida cotidiana. As diferentes mídias (sonora, escrita, imagética, audiovisual) passaram a convergir e formar modelos híbridos. Formatos de informação durante décadas estáveis (revistas, livros, teses, enciclopédias) passaram a se hibridizar e se confundir nos ambientes digitais dos sites, portais, blogs e redes sociais. Para além da evolução tecnológica, a própria condição de atuação dos sujeitos em relação à informação se alterou profundamente. Antes, as pessoas iam a um local físico (uma biblioteca, por exemplo) buscar

dados sobre, por exemplo, a história de um determinado país. Hoje o fazem em segundos de seus próprios telefones celulares. (ARAÚJO, 2018, p.6)

Como constata Araújo (2018), que a expansão de conhecimentos no campo da Ciência da Informação implicou em alterações no relacionamento das pessoas com a informação, assim como na própria ideia formada sobre o conceito de informação.

Acerca da razão que leva as pessoas a buscar as informações sobre os mais diversificados prismas, Le Coadic (1996) aponta que há diversas motivações, seja pelo puro prazer, seja para atender uma utilidade específica. A autora (id., 1996, p.5) ressalta, por outro lado, que "...o objetivo da informação permanece sendo a apreensão de sentidos ou seres em sua significação, ou seja, continua sendo o conhecimento; e o meio é a transmissão do suporte, da estrutura".

Salienta-se, também, que a informação, assim como, toda e qualquer atividade humana está suscetível à mercância. Seja em relação aos serviços prestados ou aos produtos, propriamente ditos, conforme Le Coadic (1996, p.1), "A informação, seja ela escrita, oral ou audiovisual, vende-se bem. Vende-se cada vez mais e em grande quantidade. Muitos lamentam esse fenômeno; outros agem como se a informação, qualquer informação, não passasse hoje em dia de uma mercadoria..."

Ao retomar a discussão sobre a Difusão da Informação, infere-se que seja produtor recobrar como a informação circulava nas primeiras comunidades humanas. Ainda não havia escrita e, em um primeiro momento, a circulação da informação se dava pela via da oralidade.

Num segundo estágio, os humanos devem ter percebido que a informação, isto é, o conhecimento sobre uma determinada coisa se perdia com o passar dos tempos. Adiante, esses agrupamentos humanos encontraram um modo de estender a "memória" das informações coletadas nas experiências com o mundo, através de gravuras registradas em cavernas e outros locais que geralmente lhes serviam de abrigo.

Passados anos e anos, através das épocas, as formas de comunicação humanas foram sendo aperfeiçoadas, com o surgimento da escrita, passando pelo surgimento da imprensa de Gutemberg, até se chegar aos computadores, aos celulares e aos atuais smartphones.

Nesse contexto, um elemento fundamental para a escalada geométrica da Difusão da Informação em uma velocidade jamais vista antes. Trata-se da Internet, uma rede de conexões que conecta o mundo por meio de uma estrutura que permite a troca de informações em tempo real.

[...] A interconexão de computadores por meio de redes permite que se venha a construir o que alguns chamaram de infraestrutura essencial da sociedade da informação: auto-estradas eletrônicas, 'infovias' que transmitem rapidamente enormes volumes de textos, sons e imagens. Se, do ponto de vista técnico, essa previsão está perto de se concretizar, o mesmo não se pode afirmar no que concerne ao acesso fácil e generalizado à informação, pois, até agora, deu-se mais ênfase à informática do que à informação. (LE COADIC, 1996, p.97)

Conforme mencionado anteriormente, nos dias atuais a circulação da informação atingiu uma escala de volume e velocidade muito grandes. São tantas informações circulando que se torna impraticável acompanhar esse enorme fluxo, de modo que é mais produtor para as pessoas filtrar as informações mais adequadas ao contexto de suas necessidades cotidianas. Inclusive, como sinaliza Le Coadic (1996) que no futuro as pessoas terão um tempo menor, levando-se em consideração o fluxo grande de informações, de modo que o texto escrito poderá ser preterido em relação aos outros modais de circulação da informação.

Os meios de difusão da informação, de certa maneira, também está desenhado para direcionar a informação para perfis de público específicos, utilizando muitas vezes diferentes linguagens, de modo a entregar a informação de forma mais assertiva quanto à receptividade e assimilação pelo público.

Assim, através dos meios de difusão, a informação transita de forma cíclica entre núcleos de produção de conhecimento científico e sociedade, respeitando-se a linguagem mais adequada a cada contexto. Um quadro de programa televisivo sobre saúde alimentar, por exemplo, possivelmente, iria divulgar os principais benefícios de consumir determinado tipo de alimento, mas não entraria em um nível de detalhamento necessário em um artigo científico publicado em uma determinada revista científica.

A televisão fala para o grande público e precisa desenvolver uma abordagem de comunicação de amplo alcance; já uma discussão travada em círculos de produção científica, precisa necessariamente adentrar nos detalhes minuciosos do assunto discutido e fixar-se em uma questão específica a ser desenvolvida.

Com o advento das redes sociais, a difusão da informação ganhou um alcance ainda maior de pessoas, no entanto, sendo mediadas por critérios de engajamento definidos pelo algoritmo de cada plataforma de rede social. O problema da distribuição da informação realizada nas redes sociais fundamentada no engajamento promove muito mais a desinformação pautada no absurdo e na mentira do que a informação produzida através de parâmetros sérios e científicos.

Em consequência disso, enquanto os meios de informação veem o público de sua difusão ser reduzido, os vetores de desinformação alcançam um público cada vez mais relevante, em termos quantitativos. Mais uma vez é importante frisar: O critério para a distribuição da informação utilizado pelos algoritmos fundamentado no engajamento tem prejudicado a cadeia de difusão da informação, estabelecida entre Ciência e Sociedade. Naturalmente, isso tem um impacto na recepção da informação pela esfera pública.

Em virtude disso, a discussão desenvolvida neste trabalho busca analisar a dinâmica entre o atual quadro da difusão da difusão da informação, ao se levar em consideração as possibilidades e condicionamentos estabelecidos pelo advento da Internet e das redes sociais e as possíveis implicações para a saúde mental. O caminho para realizar essa tarefa consiste na análise de resultados divulgados por pesquisas realizadas no Brasil pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), sobre o acesso à Internet, horas de sono e saúde mental de estudantes do Ensino Fundamental.

A HIPERCONNECTIVIDADE NA INTERNET: *ON-LINE, FULL TIME*

De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) Contínua, as pessoas estão acessando cada vez mais a Internet. O número de pessoas ultrapassou 160 milhões de pessoas em 2022. Esse acesso acontece por meio do uso de variados aparelhos, tais como smart TV's, smartphones, tablets e microcomputadores.

Conforme a pesquisa 98,9% das pessoas entrevistadas utilizam de aparelhos celulares (smartphone) o acesso à Internet. 47,5% das pessoas usam a Internet por meio de televisores; 35,5% fazem uso de microcomputadores para acessarem à Internet e 7,6% recorrem ao tablet para Internet.

Os principais serviços utilizados pelas pessoas no acesso à Internet estão representados, no âmbito da pesquisa em referência acima, da seguinte forma: 94,4% do público entrevistado respondeu que utilizam serviços de chamadas por voz e vídeo na Internet; 92% fazem uso de serviços para enviar e receber mensagens de texto, voz ou imagens; 88,3% utilizam a Internet para assistir a vídeos, inclusive programas séries e filmes; 83,6% acessam a Internet para se conectar nas redes sociais; 82,4% fazem uso da Internet para consumir músicas, rádio ou podcast; 72,3% fazem uso da Internet para ter acesso a jornais, notícias, livros ou revistas; 60,1% acessam à Internet para usufruir de serviços de bancos e outras instituições financeiras; 59,4% se conectam à Internet para enviar e receber e-mails.

A análise regional mostrou que, em 2022, o percentual de domicílios na Região Norte em que a banda larga fixa era utilizada (77,2%), apesar de ter apresentado o maior aumento, ficou abaixo dos resultados alcançados nas demais Regiões (acima de 85,0%). No que concerne ao percentual dos domicílios em que havia uso da banda larga móvel, o menor percentual foi registrado na Região Nordeste (65,3%), enquanto as demais Regiões apresentaram taxas superiores a 80%, sendo a maior observada na Região Sudeste (88,7%). (BRASIL, IBGE, PNAD Contínua, 2022, p.7)

Ao observar os números estatísticos sobre o acesso à Internet no Brasil percebe-se que o quadro da inclusão digital avança em termos representativos da população ao longo dos anos – é cada vez maior o número de pessoas que tem meios para acessar à Internet e assim, ao universo de possibilidades nela disponível.

A Internet era utilizada em 91,5% dos domicílios particulares permanentes (68,9 milhões) do País em 2022, um aumento de 1,5 p.p. em relação a 2021. Apesar do aumento consistente desde o início da série histórica, essa taxa de crescimento tem sido cada vez menor, o que conversa com a aproximação desse número à universalização da Internet nos domicílios brasileiros. (BRASIL, IBGE, PNAD Contínua, 2022, p.7)

Conforme aponta a referida pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o acesso à Internet por pessoas a partir de 10 anos de idade tem demonstrado um crescimento a partir do uso de determinados dispositivos, como televisão e aparelhos celulares, ao passo que em relação aos aparelhos tablets e microcomputadores, o resultado da pesquisa indicou uma progressiva redução de uso para acesso à Internet.

Isso é possível ser explicado devido à tendência da busca por tecnologias mais recentes de acesso à Internet, como as *smart tv's*, por exemplo. Além disso, no caso dos smartphones é também possível a preferência se dê pela portabilidade do aparelho, o que permite preservar a conectividade mesmo em um contexto em que as pessoas necessitem se deslocar de um ponto para outro da cidade.

Nesse contexto, pode-se afirmar que a possibilidade de conectividade mesmo em contexto de mobilidade seja uma vantagem, inclusive para quem precisa prestar serviços de aplicativos, por exemplo. Em contrapartida, como afirmara um dos grandes personagens da História da Medicina, *Paracelso*, acerca do remédio e do veneno, a diferença entre eles está na dose. Enquanto que manter a conectividade pode ser algo proveitoso e até mesmo necessário, sobretudo, para quem vende e contrata serviços on-line, a hiperconectividade, ou seja, a “superdosagem” de Internet, conforme já aponta alguns estudos, tende a ser prejudicial para a saúde mental das pessoas. Nisso, Machado (2015, apud Teixeira, 2021, p.3) infere que

A utilização da internet imprimiu novas formas de socialização e comunicação entre os adolescentes e apesar das inúmeras vantagens e benefícios, o uso excessivo, compulsivo e disfuncional acarreta prejuízos na vida social, física e acadêmica, com impacto na saúde mental e psicológica dos adolescentes e, conseqüentemente no seu bem-estar psicológico.

Desse modo, o problema não se encontra na tecnologia em si, mas os usos que se fazem dela e a maneira como fazem. Talvez inspirados em Paracelso, sobre o remédio e o veneno, estudiosos da medicina parecem ter chegado ao consenso que beber água em excesso faz mal. Como se pode observar, até mesmo a água, cujo consumo está associado à saúde e bem estar, precisa ser consumida sem excessos.

De certa forma, com relação ao uso da Internet, sobretudo por adolescentes, em virtude de estarem em uma fase de transição entre a infância e a vida adulta, faz-se necessário que o equilíbrio seja ideal para usufruir das possibilidades de uso da Internet, sem prejuízos para a saúde mental. Nesse aspecto, Teixeira (2021, p.7) aponta que

O bem-estar psicológico mostrou-se melhor para quem utilizava as redes sociais e os jogos online de forma moderada. As redes sociais podem promover a autoestima (Vitoria, 2016), emergindo como forma de comunicação, diversão, conexão e estabelecimento de relações interpessoais. Os jogos online potencializam a criatividade, aumentam a atenção seletiva, atenuam o declínio cognitivo, reforçam as competências mentais e influenciam a cognição espacial (Pontes & Griffiths, 2015). Assim, a internet apresenta um papel importante no desenvolvimento emocional dos adolescentes pela sua

importância no estabelecimento de contactos sociais, desde que utilizada de forma equilibrada e saudável.

Para isso, a mediação familiar é imprescindível, no sentido de regular e orientar os filhos no sentido de evitar excessos com relação ao uso da Internet. Paralelamente, incentivar práticas de esportes, atividades culturais e fomentar a criatividade através de atividades recreativas pode ser uma forma de contribuir para a preservação da saúde mental dos filhos.

(DES)INFORMAÇÃO, (HIPER)CONNECTIVIDADE E SAÚDE MENTAL

Quando se pensa no lugar de relevância da informação na vida das pessoas, pode-se dizer que a própria ideia de informação remonta aos primórdios da civilização. Através de fragmentos do passado, as pessoas do presente tiveram condições de especular mais seriamente sobre a história humana e de todo ecossistema que o cerca. E isso foi possível não somente por meio de registros escritos, mas também por descobertas arqueológicas, onde se encontram objetos, ruínas de construções, ossadas de animais etc.

Ao longo das épocas a informação tem sido utilizada para o bem-estar das pessoas e das sociedades, assim como, para fins não tão nobres. Um exemplo que pode bem ilustrar isso é a estratégia para produzir informações falsas durante a guerra, a fim de dissuadir e induzir a tropa inimiga a seguir os caminhos mais propícios à derrota.

“Haverá ocasiões em que te rebaixarás, e outras em que simularás medo. Finge ser fraco a fim de que teus inimigos, abrindo a porta para a presunção e para o orgulho, vem atacar-te em hora errada, ou sejam surpreendidos ou derrotados vergonhosamente...”. (TZU, 2008, p.24)

Porventura, ao tomar o exemplo de TZU (2008) sobre a guerra, a fim de ilustrar a relevância da informação nas sociedades, por meio do referido contexto, ainda mais, ao se levar em consideração que reside nessa atmosfera o epicentro onde surgem as primeiras faíscas dessa centelha que viria a iluminar o surgimento da Ciência da Informação, assim como na primeira versão do que viria a ser a Internet, tal como atualmente concebida.

Era o momento histórico da guerra fria, um conflito entre as potências hegemônicas no mundo capitalista (Estados Unidos) e socialista (União Soviética) que se deu em distintos planos tais como o militar, o econômico, o político, o esportivo – e também o científico e tecnológico, no qual a informação passou a ter papel fundamental. Começou ali, por meio da designação de eventos, associações e periódicos, o projeto de construção de uma ciência da informação, uma ciência profundamente envolvida com as problemáticas da época: a necessidade militar, o clima de competição entre os países, a informação como recurso a ser usado no conflito, a necessidade de um uso instrumental e a busca por eficácia e eficiência. [...] (ARAÚJO, 2018, p.6)

Opta-se por destacar esse contexto do surgimento da Ciência da Informação, haja visto, o caráter fundamental para esta discussão, pois é justamente do ponto de vista da interrelação informação e saúde mental onde reside a abordagem que se está a explorar. Desse modo, observa-se que de maneira gradual a informação está se desmaterializando, ao passo que vai migrando inúmeros de seus meios de difusão para plataformas digitais. Em consequência disso, houve uma profunda transformação no modo como as pessoas até então lidavam com a informação.

[...] Formatos de informação durante décadas estáveis (revistas, livros, teses, enciclopédias) passaram a se hibridizar e se confundir nos ambientes digitais dos sites, portais, blogs e redes sociais. Para além da evolução tecnológica, a própria condição de atuação dos sujeitos em relação à informação se alterou profundamente. Antes, as pessoas iam a um local físico (uma biblioteca, por exemplo) buscar dados sobre, por exemplo, a história de um determinado país. Hoje o fazem em segundos de seus próprios telefones celulares. [...] (ARAÚJO, 2018, p.6)

Na atmosfera da digital o acesso a informações pelas pessoas se tornou mais cômodo, já que uma busca por determinada informação que anteriormente exigiria muitas vezes horas de deslocamento no território das cidades ou entre cidades. Por outro lado, os meios difusores de informação se multiplicaram em escala geométrica. Cada computador conectado à Internet

passou a ser, além da natural predisposição para o consumo de informação, um potencial ponto de difusão da informação.

Com o advento das redes sociais, além das interações pessoais sobre fatos do cotidiano, aproveitando-se da grande adesão social, assim como, da configuração algorítmica para a distribuição e visualização das postagens, muitas empresas, sobretudo, da área de comunicação, exergaram nessa, então, nova forma de difusão da informação, um nicho de mercado a ser explorado.

Assim como, na lógica de um shopping, por exemplo, onde a ideia é tentar influenciar o máximo de pessoas a ficarem o maior tempo possível consumindo produtos e serviços dentro do estabelecimento, também, analogamente, ocorre com as redes sociais e outros sites de vendas de produtos e serviços. Com o tempo, essa estratégia vai ficando cada vez mais elaborada e mais assertiva nesses objetivos.

Dessa forma, ao observar essa perspectiva, pode-se inferir, a caráter inicial, que a lógica do engajamento inspirada nas redes sociais, de certa maneira, favorece a ocorrência de uma disfuncionalidade na comunicação informacional. Essa hipótese parece ter alguma coerência lógica, já que, inspirada pelo *modus operandi* das ditas redes sociais, muitos meios difusores de informação, como setores da imprensa, por exemplo, passaram a adotar de forma menos discreta uma abordagem de engajamento, sobretudo, integrada aos respectivos perfis institucionais nas redes. Em suma, por meio dessa estratégia, tais veículos passaram a adotar políticas de engajamento e fidelização cada vez mais agressivas, só limitados, em alguns casos, pela força das leis regulamentadoras do setor.

Nota-se que no Brasil, por exemplo, pelo aumento do número de usuários on-line e a quantidade média de horas navegando na rede, conforme exposto anteriormente, a tal estratégia adotada pelos meios de difusão informacional integrados às redes sociais, obteve pelo menos alguma margem de sucesso.

Essa presença nas plataformas da Internet, por cada vez mais tempo, como tem sido constatado, de acordo com especialistas em saúde mental, influencia no surgimento de diversos problemas de saúde.

De acordo com Abreu (2008, p.157), "...juntamente com o aumento na popularidade do uso da rede mundial e dos jogos eletrônicos, surgiram relatos na imprensa leiga e na literatura científica de indivíduos que estariam "dependentes" da realidade virtual da Internet e dos jogos eletrônicos...". Ao perceber isso, o psiquiatra americano Ivan Goldberg, ainda de acordo com a Abreu (2008), foi o precursor na "tentativa de caracterização" do referido comportamento patológico.

Conforme a mencionada autora (id.), na época em que pesquisara sobre o tema, não existe um consenso sobre o termo utilizado para classificar tal patologia, pois inúmeros estudos foram realizados sobre as perspectivas mais distintas, de acordo com a área de origem do pesquisador. Assim, os termos que faziam menção a esse contexto foram respectivamente: "...*Internet Addiction, Pathological Internet Use, Internet Addiction Disorder, Compulsive Internet Use, Computer Mediated Communications Addicts, Computer Junkies e Internet Dependency*". Conforme afirmado antes, estabelecidos por profissionais de áreas diversas, nas palavras de Abreu (id.).

A Dependência de Internet pode ser encontrada em qualquer faixa etária, nível educacional e estrato sócio-econômico. Inicialmente, acreditava-se que esse problema era privilégio de estudantes universitários que, buscando executar suas atribuições acadêmicas, acabavam por permanecer mais tempo do que o esperado, ficando enredados na vida virtual. Entretanto, tais pressuposições mostraram ser pura especulação. Sabe-se, hoje, que à medida que as tecnologias invadem progressivamente as rotinas de vida, o contato com o computador cada vez mais deixa de ser um fato ocasional e, portanto, o número de atividades mediadas pela Internet aumenta de maneira significativa, bem como o número de acessos e tempo medido na população brasileira que, atualmente, ocupa o primeiro lugar no mundo em termos de conexão doméstica (à frente dos americanos e japoneses). (ABREU, 2008, p.159)

Como se pode observar, a dependência da Internet não atinge somente um nicho específico da sociedade, mas acomete os mais diversos perfis sociais, independente inclusive da idade, ainda que exista uma preponderância de jovens. Tal como descreve abreu, ao passo que a sociedade

se torna cada vez mais dependente da tecnologia, onde o computador adquire o status *elemento indispensável nas rotinas do dia-a-dia*, o espaço da vida social no mundo concreto se vê cada vez mais retraído. Em decorrência disso, muitas pessoas vão se acomodando a essa rotina permeada pelo virtual, tornando mais escassa as relações sociais estabelecidas por meio do contato e da presença.

Além do próprio transtorno de dependência da Internet, há ainda a possibilidade de surgir, em associação a essa patologia, outras doenças tais como insônia, ansiedade, irritabilidade etc.

[...] segundo a OMS, estima-se que 6% da população mundial (458 milhões de pessoas) sofra com algum tipo de adversidade derivada do uso descontrolado das telas digitais. Um problema que, embora ainda não reconhecido oficialmente pelos órgãos reguladores, afeta crianças, adolescentes e adultos em todos os estratos socioculturais nos mais variados continentes. (ABREU, 2021, p.18)

[...] muitos dos comportamentos dos usuários “pesados” podem incluir: a perda da qualidade ou ainda abandono das atividades escolares, comprometimento das atividades sociais ou laborais, diminuição ou perda de um sono regular, perda dos níveis de higiene e cuidado pessoal e, em alguns casos, um total isolamento mais significativo e duradouro. (ABREU, 2020, apud ABREU, 2021, p.19)

Nesse sentido, salienta-se a grande relevância de aprofundar os estudos sobre o tema, dada a sua grande relevância social, haja visto o impacto em várias dimensões da vida cotidiana, tais como as consequências relacionais na família, no trabalho, na escola, amigos etc.

O avanço das tecnologias da informação promove mudanças, não somente nas relações de consumo de bens e serviços, inclusive de informação, mas também embarca junto uma diversidade de novas perspectivas para a vida cotidiana. Tais tecnologias possuem uma faceta, pois, ao mesmo são capazes de proporcionar mais facilidades para muitas dimensões da vida das pessoas, seja facilitando acesso à informações, o acesso a bens e serviços de toda natureza, entre outras comodidades, também influenciam na diminuição de postos de trabalho, no cometimento de crimes dos mais diversos tipos, desde fraudes financeiras à prática de crimes de ódio nas Redes Sociais.

O caráter paradigmático das tecnologias da informação oferece uma sensação de “alongamento” da liberdade, uma vez que permite às pessoas transitarem em um “território” muito maior do que a realidade social, cultural e econômica lhes possibilitam. Antes da popularização da Internet, por exemplo, as pessoas precisavam muitas vezes fazer um deslocamento significativo no território da cidade para ir à biblioteca; nos dias atuais, o acesso à biblioteca pode estar a poucos cliques em um computador.

Conforme afirma Lévy (1996), quando uma pessoa ou uma coisa passam a ter uma existência virtual, passa por uma desterritorialização, já que deixa de estar somente ligado ao espaço geográfico concreto e espraia-se por outros territórios, a partir da virtualidade.

Por estar cada vez mais entrelaçada com a vida social, ocupando progressivamente mais espaço na rotina cotidiana, entre comodidades e armadilhas, a existência virtual passou a ser alvo de discussões sobre o estabelecimento de mecanismos de regulação do Estado, já que havia uma constatação de que o “mundo virtual” passava a exercer, ao longo do tempo, mais influência na vida das pessoas, tanto positivamente, quanto de maneira negativa.

De algum modo, essa hegemonia da Internet ante a realidade física, combina-se com as transformações dos tempos atuais, onde a noção de tempo e espaço sofrera uma atualização. Mas não só isso, as mudanças promovidas pelas tecnologias da informação vão além da relação das pessoas entre si, mas também, de certa forma, solicita uma mudança praticamente existencial sobre a visão de mundo. Diante da obsolescência das coisas, a noção de efemeridade invade também as relações humanas, no trabalho e na vida pessoal. Muitas dessas relações, em não raros casos, nem chegam a amadurecer, nascem e morrem sem ter o tempo de envelhecer.

[...] a vida líquida é uma vida precária, vivida em condições de incerteza constante. As preocupações mais intensas e obstinadas que assombram esse tipo de vida são os temores de ser pego tirando uma soneca, não conseguir acompanhar a rapidez dos eventos, ficar para trás, deixar passar as datas de vencimento, ficar sobrecarregado de

bens agora indesejáveis, perder o momento que pede mudança e mudar de rumo antes de tomar um caminho sem volta. (BAUMAN, 2007, p.8)

Ao refletir sobre isso, observa-se que desde os anos da década de 1990, por exemplo, já se via uma mudança, ainda que incipiente, com relação à ideia de consumo e de trabalho. Enquanto que sobre o consumo inúmeras iniciativas foram criadas para consolidar a cultura do consumismo no país, no campo do trabalho a ideia de empreendedorismo avançou a passos largos, para se consolidar, em parcela importante da sociedade, uma visão de mais independência financeira e autorrealização pessoal e profissional por meio da livre iniciativa.

Pesquisa realizada, em 2020, pelo IBGE, indicou nesse período um total de 13 milhões de microempreendedores individuais (MEI), número que representava naquele momento 69,7% do total de empresas e outras organizações. Como se pode observar um número relevante de pessoas possuíam algum tipo de empreendimento sendo tocado, no ano de 2020. Importante ressaltar que esse dados refletem, apenas, o número de empresas cadastradas, na realidade, a proporção de empreendedores à maior ainda do que a verificada na pesquisa. Como constata a pesquisa de Demografia das Empresas e Estatísticas de empreendedorismo em 2020, "...a maior parte dos microempreendedores individuais (MEIs) é desobrigada do preenchimento dos registros administrativos da Secretaria Especial de Previdência e Trabalho, eles são desconsiderados das estatísticas do CEMPRE" (BRASIL, IBGE, 2022, p.12).

Esse coquetel de componentes da vida cotidiana no Brasil, em relação aos elementos da vida cotidiana, como trabalho, consumo e as horas livres dispendidas na Internet, aparentemente, desconectados entre si, compõe os fios de um tecido social permeado muitas vezes pela instabilidade. Instabilidade no emprego, "instabilidade" da necessidade de consumo, instabilidade da sensação de estar seguro, etc.

[...] O "progresso", que já a mais extrema manifestação de otimismo radical, promessa de felicidade universalmente compartilhada e duradoura, deslocou-se para o polo de previsão exatamente oposto, não-tópico e fatalista. Agora significa uma ameaça de mudança inflexível e inescapável que pressagia não a paz e o repouso, mas a crise e a tensão contínuas, impedindo qualquer momento de descanso; uma espécie de dança das cadeiras em que um segundo de desatenção resulta em prejuízo irreversível e exclusão inapelável. (BAUMAN, 2007, p.91)

Sobre esse estado de alerta quase que permanente, de certa forma, compõe um dos ingredientes que formam o caldo cultural contemporâneo ou, como diz Bauman (2007), moderno-líquido, onde a insegurança, a incerteza, a imprevisibilidade estão muito longe de se constituírem em exceções, mas um traço característico deste tempo. E o consumo desregrado, de algum modo, uma tentativa de não ficar para trás, para não ser eliminado dessa espécie de jogo da vida líquida.

A vida líquida é uma vida de consumo. Projeta o mundo e todos os seus fragmentos animados e inanimados como objetos de consumo, ou seja, objetos que perdem a utilidade (e portanto o viço, a atração, o poder de sedução e o valor) enquanto são usados. Molda o julgamento e a avaliação de todos os fragmentos animados e inanimados do mundo segundo o padrão dos objetos de consumo. (BAUMAN, 2007, p.17)

Esse "fetiche da mercadoria", enquanto produto, encontra adesão também na modalidade de serviços, no consumo de serviços digitais, como redes sociais, jogos eletrônicos e streaming vídeos e músicas, todos conforme dito anteriormente, moldados em uma lógica de engajamento em que se pretende "aprisionar" o cliente o máximo de tempo possível na plataforma.

Finalmente, o entrelaçamento entre difusão da informação e hiperconectividade na Internet está permeado de inúmeros elementos, mas como se pode observar que o consumismo é uma peça muito importante nesse jogo contemporâneo, onde uma existência no mundo virtual tende a gerar tanto impacto quanto na existência física. Como boa parte do expediente a ser cumprido na vida cotidiana, como fazer compras, realizar pagamentos, relações interpessoais à distância, etc.,

o tempo médio de conexão na Internet, por pessoa, tem crescido ao longo dos anos, não somente, obviamente, devido ao crescimento populacional, mas pela adesão cada vez mais massiva de proporções da população.

De acordo com o que foi discutido anteriormente, estudos indicam que esse engajamento ambicionado pelas plataformas digitais, onde objetivo é reter as pessoas dentro do ambiente que está a ser frequentado virtualmente, tende a afetar a saúde mental das pessoas. Uma vez “prisioneira” do virtual, torna-se vulnerável a diversas patologias, conforme mencionado anteriormente. O problema é que uma vez criada uma relação de dependência, o que requer tempo, fica difícil libertar-se sem a ajuda de um profissional. No entanto, não há determinismos quanto a esse problema de saúde pública. Não há como prever se uma pessoa acometida de Dependência de Internet irá desenvolver essa ou aquela patologia, isso vai depender de outros fatores, aspectos que irão tocar nas mais diversas dimensões, tais como biológica, social, cultural, econômica etc.

O que os estudos conseguem identificar, até o momento, é que algumas patologias possuem uma maior ou menor incidência na população usuária de Internet por tempo excessivo, mas o fato é existe uma correlação forte para o desenvolvimento de inúmeras patologias. Ou seja, nessa população existe a ocorrência de doenças relacionadas à saúde mental.

CONCLUSÃO

No que diz respeito aos objetivos da pesquisa, a ideia de partida foi de analisar os vínculos relacionais entre a difusão da informação na Internet e possíveis influências no surgimento de patologias que afetam à saúde mental.

A respeito da linha metodológica adotada, no decorrer da pesquisa, verificou-se a necessidade de convocar a contribuição de outros teóricos sobre o assunto, a fim de encorpar o embasamento teórico. Desse modo, incluiu-se na discussão Araújo (2018), Lévy (1996), Abreu (2008) etc., o que viabilizou a realização da análise das informações de forma subsidiada pelos referidos teóricos.

Ao se debruçar sobre os resultados desta pesquisa, foi possível constatar, de maneira segura, a relação de causalidade entre hiperconectividade e patologias que afetam a saúde mental, como ansiedade, insônia, depressão, entre outras. A dimensão da informação e da sua difusão nos meios digitais, compõe um pano de fundo que estruturam o modelo utilizado em muitas plataformas, no sentido de, além de informar ou desinformar, engajar os usuários, conforme dito em alguns momentos anteriormente, para reter a atenção pelo máximo de tempo possível.

Enquanto que o binômio hiperconectividade-patologias situam-se, como mencionado, em um eixo de causa-consequência, a informação, levando-se em consideração a forma como é empacotada e difundida, está propensa a uma vinculação causal com a hiperconectividade, formando um fluxo informação-hiperconectividade-patologias, onde a informação influencia a hiperconectividade, que tende a ocasionar o surgimento de patologias que afetam a saúde mental. Tudo isso, entrelaçado com as características da vida social na atualidade, como insegurança, velocidade, consumismo, obsolescência, medo, etc.

Diante disso, infere-se que seria de grande importância ampliar o volume de estudos e pesquisas sobre o tema, de modo enriquecer a discussão, oportunizando, inclusive, a aplicação da pesquisa em nichos mais restritos da população, fazendo recortes de gênero, escolaridade, classe social etc., para conhecer possíveis particularidades desses segmentos de população.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. **O que é ciência da informação**. Belo Horizonte: KMA, 2018. 126p.

LE COADIC, Yves-François. **A ciência da informação**. Trad. de Maria Yêda F.S. Filgueiras Gomes. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 1996.

BAUMAN, Zygmund. **Vida líquida**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** Trad. Paulo Neves São Paulo: Ed. 34, 1996. 157p

TZU, Sun. **A arte da guerra**. Trad. De Sueli Barros Cassal. – Porto Alegre: L&PM, 2008. (Coleção L&PM Pocket)

DIFUSÃO. *In*: **Dicionário Online de Português**. [S. l.], 2009-2024. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/>. Acesso em: 14 maio 2024.

DEMOGRAFIA das Empresas e Estatísticas de empreendedorismo - 2020. *In*: **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. [S. l.], 2022. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br>. Acesso em: 16 maio 2024.

ABREU, Cristiano Nabuco de; KARAM, Rafael Gomes; GÓES, Dora Sampaio; SPRITZER, Daniel Tornaim. Dependência de Internet e de jogos eletrônicos: uma revisão. **Revista Brasileira de Psiquiatria**: v. 30, ed. 2, 23 jun. 2008. DOI <https://doi.org/10.1590/S1516-44462008000200014>. Disponível em: <https://www.scielo.br>. Acesso em: 8 maio 2024.

A ESCRITA (Documentário). *In*: **YouTube**. [S. l.], 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com>. Acesso em: 8 maio 2024.

ABREU, Cristiano Nabuco de. *et al.* **Família & Tecnologia**: promoção do uso inteligente da tecnologia no seio da família. Brasília: Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos: Secretaria Nacional da Família (Coordenação) /, 2021. 78 p. ISBN 978-65- 88137-23-9 (digital).

161,6 milhões de pessoas com 10 anos ou mais de idade utilizaram a Internet no país, em 2022. *In*: **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. [S. l.], 2023. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br>. Acesso em: 8 maio 2024.

BRASILEIROS passam em média 56% do dia em frente às telas de smartphones e computadores. *In*: NAZAR, Susanna. **Jornal da Universidade de São Paulo**. [S. l.], 2023. Disponível em: <https://jornal.usp.br/>. Acesso em: 8 maio 2024.

ROCHA BICHARA, M. R.; BENEVENUTO GUIARD KOEHLER, C. Paracelso e as fronteiras da ciência. **Revista Scientiarum Historia**, v. 1, n. 1, p. 8, 5 nov. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (BRASIL). Acesso à Internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal 2022. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**, [s. l.], 2023. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br>. Acesso em: 8 maio 2024.

TEIXEIRA, Carla Cristina Magalhães. Bem-estar Psicológico e Utilização Problemática da Internet em Adolescentes. **Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Menta**, Portugal, 15 jan. 2021. DOI <https://doi.org/10.19131/rpesm.350>. Disponível em: <https://scielo.pt/>. Acesso em: 6 maio 2024.